

2018/11/11

Amazónia, que futuro no “novo” Brasil”?

João Bargão dos Santos¹

A questão que se pode colocar hoje, é a de questionar que futuro para a actual Amazónia perante um País que lhe sendo tão afecto, na circunstância o Brasil, e que se prevê que inicie em 2019, uma diferente e assumida orientação política.



De facto e em paralelo, com o flagelo mantido e universal da fome e da miséria, à barbárie terrorista, ao ressurgimento das crescentes formas autoritárias de regime, à estafada problemática ambiental, aos disseminados conflitos armados locais ou regionais, a Amazónia é em si mesmo e por si só, uma questão de idêntico peso nas preocupações do mundo civilizado.

Mas para melhor entender, importa recordar o que é então a Amazónia e a sua real importância, para que melhor a conhecendo, melhor possa ser defendida.

Neste sentido, a Amazónia sendo o “pulmão da humanidade” é a “selva tropical” do Mundo, que cobre a maior parte da Bacia Amazónica da América do Sul, com sete milhões de quilómetros quadrados, dos quais cinco milhões e meio são de floresta tropical, com 2500 espécies de árvores e cerca de 30 mil variantes de plantas.

Tem extensão maior que França, Espanha, Suécia e Grécia juntas, com uma população de cerca de 33 milhões, 385 tribos /povos autóctones,² que ali vivem e dependem dos seus recursos e em que 64% da sua floresta, (perto de dois terços) localiza-se em território brasileiro.

Resultante da sua dimensão esta ecorregião, estende-se por nove países (Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela) e dispõe do célebre rio Amazonas, com comprimento entre 6300 e 7000 Km e mais de 1100 afluentes, de longe o maior rio do mundo em caudal e área drenada.

A Amazónia tem uma influência decisiva na regulação da pluviosidade no Brasil e América do Sul e pela sua biodiversidade actua na regulação climática a nível mundial, perante a indiferença quotidiana de elevadas quantidades de CO₂, vertidas indiferentemente por todo o planeta, sobretudo como resultado da queima de combustíveis fósseis, petróleo, carvão e gás.

A sua real importância tem naturalmente que ver com a regulação climática global, pela remoção constante do CO₂ e a sua floresta torna-se responsável por 20% do oxigénio do ar que respiramos e pela concentração de 15% da água doce mundial.

¹ O autor não segue o Acordo Ortográfico.

² *Courrier International*, número 73 /Nov 2018

É por tudo isto que Amazónia se constitui como uma região geoestratégica vital e acaba por ser reconhecida como um verdadeiro guardião de serviços de natureza ecológica não só para os povos indígenas, bem como para o mundo.

Reconhecida como “pulmão da humanidade” e ainda de algum modo preservada em termos de tamanho e diversidade, teve já no entanto 9,6 milhões de hectares desflorestados entre 2006 e 2017, só na Amazónia brasileira³ e com o Peru e a Bolívia como principais responsáveis pelo maior número de rodovias atravessando a floresta.

Importam assim políticas ambientais determinadas em que são reconhecidas e validadas as denominadas “unidades de conservação”,⁴ tendo em vista combater as tentações da exploração desenfreada do petróleo e do gás, as construções hidroelétricas, as ações de “garimpos para mineração”, as queimadas, entre outras agressões.

Assim a defesa da Amazónia passa naturalmente por manter o acesso das populações locais aos recursos naturais e na constatação que é na denominada biodiversidade que assentará e em definitivo, o seu pleno desenvolvimento económico e social.

O Brasil acaba deste modo, por ter a maior responsabilidade, uma vez que sendo o País de maior dimensão da região é o que dispõe mesmo assim e de algum modo da maior parte da floresta ainda protegida, não obstante ter perdido em quarenta anos (cerca de 70% da desflorestação é causada pelas explorações pecuárias) o equivalente a cerca de sete vezes o território de Portugal continental.

³ *Courrier International*, número 73 /Nov 2018

⁴ *Courrier International*, número 73 /Nov 2018